

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Folha de Boa Vista Class.: AM-Internacional
 Data 29.01.91 Pg.: 69

Chamem o Bush- estão invadindo o Brasil!

Saulo Ramos

Quando Israel celebrou o tratado de paz com o Egito, foi marcado o dia para a devolução do território invadido e, em consequência, o recuo da fronteira, do ponto de vista israelense, e avanço, do ponto de vista egípcio.

Comerciantes israelitas combinaram com os seus colegas egípcios um dos mais imaginosos contrabandos daquela região. Na área ocupada, enterraram, em vários pontos, centenas de aparelhos eletrodomésticos, eletrônicos, de som, de vídeo, etc.

Alterada a fronteira, os comerciantes árabes foram aos locais combinados e recolheram a mercadoria. Por muito tempo o comércio egípcio ficou ricamente abastecido de produtos ocidentais que não passaram pela fronteira, pois foi a fronteira que passou por eles.

Parece que no Brasil, está-se tramando um monstruoso contrabando desse tipo através do recuo de nossa fronteira com a Venezuela na região da serra do Parima, no Estado de Roraima.

Aquele pedaço do território brasileiro, é riquíssimo em ouro, cassiterita, diamantes e minérios atômicos. Sempre houve contrabando para a Venezuela, pela precariedade da vigilância de nossa fronteira naquela parte da selva amazônica, mas um contrabando de formiguinha efetuado por garimpeiros, índios e seus respectivos exploradores.

Até mesmo um bispo de Roraima, que mantém contas bancárias nos EUA, negociava seus dólares com um doleiro da Venezuela, porque os venezuelanos dão apoio logístico ao comércio ilícito praticado no lado brasileiro com o des-caminho pelo país fronteiriço.

Parece que, agora, o novo governo brasileiro deixou-se encantar por uma operação maior: o contrabando será feito de uma vez só e arrastará de cinco a sete milhões de metros

quadrados de nosso território o que equivale a um terço ou à metade do território do Kuwait, cuja invasão pelo seu vizinho custou uma guerra mundial.

Tem o Kuwait 15 mil quilômetros quadrados e a região do Parima, que estão desejando entregar para a Venezuela, tem de 5 a 7 mil quilômetros quadrados, pois ainda não está seguramente calculada a metragem da área envolvida, apenas identificada por pontos geográficos distantes.

Estou falando em contrabando para ironizar, mas o que vai dentro desta ma. explicada operação é parte de nossa soberania.

Desde 1859 a questão está resolvida, embora os negociadores do tratado assinado naquele ano, tenham se referido nos rios que correm para a bacia do Orinoco, como indicadores do território Venezuelano, e aos rios que correm para a bacia amazônica, como indicadores do território brasileiro.

Ao que consta, porém, os rios não mudaram de lugar e há mais de um século o vale da cordilheira do Parima é inquestionavelmente brasileiro.

Não se trata portanto, de uma simples correção demarcatória da fronteira. Estamos na iminência de um caso grave, que o governo federal terá de explicar à exaustão e detalhadamente.

Não podemos compensar a perda do fornecimento de petróleo do Iraque, com uma transação de araque envolvendo terra e soberania nacional, sob a desculpa de corrigir-se um risquinho no mapa do Brasil.

Este governo que aí está já nos confisou a poupança, os ativos financeiros, a vontade de reagir contra os erros jurídicos que, por serem muitos, tornaram-se provisoriamente "acessíveis" pela conformada paciência brasileira, tudo em nome do combate à inflação, através de um tiro só, de uma bala só, de um homem só, de um bolero só, de uma namorada só, de uma canga só, tudo em nome só de tudo isto, que já está se tornando muito para um povo só.

Pelo fato de Sadam Hussein ter invadido os 15 mil quilômetros quadrados do Kuwait, riquíssimo em petróleo, o mundo quase inteiro

aprontou a maior gritaria e, o que é pior, deflagrou uma guerra violenta no Oriente Médio para defender aquele território, que é dos outros e que não vale mais que duas serras de Parima, nossa. E nós vamos entregá-las à Venezuela sem um tiro, porque não temos mais bala na cartucheira cultural do presidente da República.

O dr. Collor, em vez de bala, em vez de tiro, deveria cercar-se de bons advogados, mas advogados de verdade. Nada dessa gente que se diz laureada em cursinhos de férias na Sorbonne, ou diplomados em universidades.

Devia o jovem e impetuoso atirador fazer, como, para sua defesa, fez o embaixador Flexa de Lima em Londres. Contratou um bom advogado e o "Sunday Times" retratou-se das ofensas publicadas contra o chefe de Estado do Brasil.

Tudo é questão de ter-se um bom advogado. O aviso vale não apenas para os assuntos pessoais, mas e sobretudo para os interesses do país. Quando foi preciso defender a honra e a dignidade pessoal do chefe da nação, contra a publicação inglesa, recorreu-se a advogado competente.

Não se tem o mesmo cuidado para editar-se medida provisória, para editar-se portaria, para elaborar-se projeto, para redigir-se decreto, para sancionar ou vetar leis, e, agora, para entregar-se uma considerável parcela da terra brasileira a um país estrangeiro em virtude, ou desvirtude, de interpretação deficiente de um tratado internacional.

Espero que o ministro Passarinho, leigo em direito, mas homem de bem, de forte espírito público, exerça seus poderes de curatela imediatamente e ponha um paradeiro nessa manobra intitulada como "ligeira correção na linha de fronteira".

É uma correção ligeira demais, que nos leva muito ouro, muito diamante, muita cassiterita, muito minério atômico, muito território e, ainda, muito lanomami para engrossar a respectiva nação indígena do lado de lá.

Ou se entrega o assunto a advogado competente ou se chama o Bush, pois estamos perdendo parte do território nacional.